

ENTRATA
SOTTO



marcelo
castel
cid

SUMÁRIO

Prólogo.....	9
Simão Mago.....	13
Gamaliel, Doutor da Lei	27
Pedro, Pescador.....	33
Cornélio, Centurião.....	37
Ágabo, Profeta.....	51
Demétrio, Ourives	55
Sérgio Paulo, Procônsul.....	61
Gálio, Procônsul.....	67
Dionísio, Areopagita	71
Saulo, Inquisidor.....	83

PRÓLOGO

É opinião que certamente divido com muitos: o Livro dos Atos dos Apóstolos é um dos mais interessantes já escritos. Essa avaliação, inocente de qualquer vontade de hipérbole, preconceito ou preferência religiosa, fazemo-la pela diversidade de temas e registros daquelas páginas, pela variedade das personagens e episódios, por seu tom às vezes sombrio e ominoso, às vezes patético (no sentido grego do termo), ou tenso e terrível, mas suave também – não menos que pela descrição, ou intuição, de um (como se diria hoje) “choque de civilizações”, ou de culturas. Tudo sublinhado com a certeza, mesmo que não declarada (a *suspension of disbelief* do leitor ideal daquele texto), de que Deus, o Espírito Santo ou a Providência desenrola diante de nós um plano cujo final já conhecemos.

Para além disso, aquelas personagens – mesmo as que no texto bíblico não mereceram mais do que umas

poucas linhas – têm incendiado a imaginação de muitos homens e mulheres, nesses séculos todos. Os Atos, enfim, têm o inegável poder de estimular um escritor ao trabalho, ou ao menos à divagação. Minhas divagações sobre o Livro dos Atos encontraram forma nos monólogos das páginas seguintes. Marcel Schwob (*A Cruzada das Crianças*) foi também uma inspiração.

Tendo terminado meus relatos, reconheci neles um problema narrativo – creio que inevitável, por fim: minha grande dependência do texto bíblico, o que os deixou quase “canônicos”. Inevitável porque tomei como base (e pelo valor de face, no geral) um livro cujos propósitos são apologéticos ou de proselitismo. Claro, seria possível contar uma ou outra história com maior liberdade, usando a narrativa bíblica apenas como ponto de partida para outras divagações (como alguns autores já fizeram – por exemplo, Danilo Kis em maravilhosa narrativa sobre Simão Mago) – mas isso levaria “a intenção do texto” ao outro extremo – divergir da fonte, o que não é, por si só, um bom empreendimento literário. Em outras palavras: já havia muita literatura nos Atos, talvez tenha ficado muita religião nos meus monólogos. Ora, também a religião pode ser lida como uma espécie de literatura fantástica. Espero que isso não incomode muito o crente e o descrente que lhes puserem as mãos.

De minha parte, como escritor – tão amiúde à espera da inspiração ou da vontade da Musa (Lutar com palavras / é a luta mais vã / Entanto lutamos / mal rompe a

manhã...) –, sempre compreendi intuitivamente aquela passagem do Evangelho de Marcos: “Todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e toda a sorte de blasfêmias com que blasfemarem; qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, esse nunca obterá perdão”. Desse pecado espero estar livre.